

Entrevista&

MONICA ROMEIRO

DE TAUBATÉ PARA TODO O BRASIL

Publicitária, tornou-se uma das consultoras mais procuradas no país sobre assuntos relacionados   maternidade

Gabriel Campoy

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Formada em publicidade, atuante na área da propaganda, 30 anos e auge pessoal. O que poderia dar errado na vida de Monica Romeiro? Nada. Exceto seis tumores que surgiram no fígado da paulistana e exigiram um cuidado mais delicado por parte da publicitária. Após consulta com o médico veio a orienta o, inusitada, aconchegante, porém assustadora: “engravidar”. Ao sair do consultório, em conversa rápida com o marido, veio o pedido de casamento e a decisão de acatar a orienta o do médico. Com isso veio Lucas, hoje com nove anos, e em seguida Larissa, atualmente com sete anos. Ainda no período da maternidade, após sentir os desafios de ser mãe, longe da romantiza o vista em um primeiro momento nas redes sociais, surgiu, com o apoio do marido, a ideia de empreender falando sobre o assunto e ajudar mães que passam por dificuldades semelhantes. Em conversa com a **Metrópole Magazine**, Monica, criadora do “Almanaque dos País”



Fotos: Divulga o

com quase um milhão e meio inscritos no Youtube, contou sobre as dificuldades que enfrentou em ser mãe, o início do projeto que se materializou em sua

grande ocupa o atualmente e diversos conselhos às mães de primeira, segunda, terceira ou até quarta viagem. **Confira a entrevista:**

Metrópole: Antes do diagnóstico médico, com os problemas de tumores no fígado, você tinha o sonho de ser mãe?

Monica Romeiro: Apesar de ter filhos ser um plano, não tinha a maternidade como foco, inclusive nenhum plano de engravidar nos próximos anos. Quando veio o diagnóstico com a recomendação “engravidar agora ou talvez não possa ter filhos no futuro” foi um choque tanto para mim quanto para meu marido, mas sem dúvidas foi o melhor conselho para nossas vidas.

“Nunca odiei ser mãe, mas entendo quem sente. Meus maiores desafios foram lidar com o cansaço, com o sentimento de solidão e com crises no casamento após a chegada dos filhos, mas tudo isso me causava tristeza e não raiva.”

Monica Romeiro

Metrópole: Você diz em certo momento da sua biografia que a “maternidade real” é diferente da “maternidade virtual”. Qual o significado de ambos os termos?

Monica Romeiro: A maternidade virtual é aquela que vemos nas redes sociais, com depoimentos lindos, pais e crianças sempre arrumadas, perfeitas e que passam a ideia de que os filhos trazem uma plenitude para a família, ou seja, quando você tiver filhos você será feliz o tempo todo. Então nos deparamos com a ma-



ternidade real, que tem sim um lado delicioso, mas também tem um lado B que ninguém gosta de falar, ou melhor, eu gosto! É aquela onde a gente se cansa, a dedicação é ilimitada. Ser mãe cansa sim, mas a gente não cansa da maternidade, são duas coisas muito diferentes.

Metrópole: A romantização da maternidade é uma problemática em sua opinião?

Monica Romeiro: Sem dúvidas! Descobrir que vai ser mãe já traz uma série de sentimentos confusos, entre eles o medo. Se cobrar para ser a mãe romantizada nas redes sociais só vai fazer essa jornada ser mais difícil. Além de entender que ser mãe é um desafio incrível, o mais importante é saber se perdoar durante esse processo, porque a gente se culpa demais, até do imprevisível.

Metrópole: Uma frase que passou a ser vista com mais frequência em artigos que abordam a maternidade é “amo meu filho, mas odeio ser mãe”. Você já sentiu isso?

Monica Romeiro: Nunca odiei ser mãe,

mas entendo quem sente. Meus maiores desafios foram lidar com o cansaço, com o sentimento de solidão e com crises no casamento após a chegada dos filhos, mas tudo isso me causava tristeza e não raiva. Cada mulher sente de forma diferente os desafios da maternidade e acho importante abrir espaço para que elas possam expor seus sentimentos sem serem julgadas, além de entender existem dois sentimentos muito diferentes nesta história: o amor pela maternidade e o amor pelo filho.

Metrópole: A ativista feminista Betty Friedan dizia que “se o papel da mulher se limita exclusivamente a ser dona de casa e mãe, claramente termina quando ela não pode mais ter os filhos por perto”. Você concorda com essa afirmativa?

Monica Romeiro: É cruel com a mulher definir, por ela, qual é o seu papel. Ela pode ter o papel que quiser, inclusive ser dona de casa e mãe. Com ou sem os filhos por perto e ela continuará sendo tudo isso (sim, tudo isso porque ambos demandam muita energia), além do mais, ninguém

Entrevista&

deixa de ser mãe. Ser mãe é um “título” eterno. Não se pode condenar uma mulher a ter seu caminho escrito por outro. Respeito às escolhas individuais deveria ser a base de tudo, em minha opinião.

Metrópole: Como surgiu a ideia de empreender falando do assunto?

Monica Romeiro: A ideia foi dada pelo meu marido, que conhecia minha paixão por escrever e percebia o quanto me incomodavam os julgamentos maternos na Internet. Quando comecei meu blog, o Almanaque dos Pais, em janeiro de 2013 eu já sabia o que queria: um site cheio de informações seguras e que acolhesse todas as mães. Sem clube do parto normal, clube do aleitamento ou clube do meu filho é melhor que o seu. Seria um único clube: o de acolhimento aos pais e mães que querem o bem dos seus filhos. O Almanaque dos pais foi crescendo, ganhou colunistas médicos que acreditaram no trabalho informativo do site. Depois foi ganhando as redes sociais até que, em agosto de 2016, por muita insistência do meu marido, chegou ao YouTube com o mesmo propósito: informar e acolher. Hoje o canal está com mais de 1,36 milhão de inscritos e são mais de 110 milhões de vídeos assistidos.

Metrópole: Qual a realidade emocional de boa parte das mães que te procuram?

Monica Romeiro: Boa parte das mães me procuram por se sentirem inseguras, a famosa dúvida do “será que vou dar conta de ser mãe”. Esta insegurança tem aparecido cada vez mais, afinal somos bombardeadas com mães perfeitas, que nunca gritaram, nunca perderam a cabeça e filhos que dormem a noite toda desde que nasceram, nunca fizeram birra ou comeram doces. Oferecer àquelas mães apoio emocional para que aprendam a se perdoar quando errarem, para que busquem

sua forma de “maternar” sem comparar ou precisar alcançar a expectativa do outro é meu grande desafio.

Metrópole: Para você, qual o papel do homem no período das grandes variações emocionais femininas, como carência, solidão, entre outros pós-gravidez?

Monica Romeiro: O homem pode e tem o dever de ajudar a mulher, principalmente no puerpério (os 40 dias após o nascimento do bebê). Promover um ambiente tranquilo para que a mãe possa amamentar, prover segurança e organização, inclusive nos cuidados com a casa, paciência e atenção. Antigamente as avós, irmãs e tias conseguiam ajudar a nova mãe, mas hoje, em que muitas delas estão trabalhando, esta nova mãe precisa ainda mais do seu parceiro.

Metrópole: A maternidade pode ser considerada uma forma de por o casamento à prova?



Fotos: Divulgação

Monica Romeiro: Não no meu ponto de vista. O mais comum é que o relacionamento se torne mais desafiador nos primeiros meses (ou anos) da chegada do filho. Muda a rotina, aparecem conflitos nas horas de cuidar e educar, falta tempo e energia para se dedicar ao relacionamento e apenas com muito diálogo e respeito o casamento será saudável.

Metrópole: Como foi a realidade vivida dentro da sua casa?

Monica Romeiro: Meus filhos me ensinaram muito sobre não ter controle de tudo e o quanto é impossível equilibrar perfeitamente todas minhas facetas: mulher, mãe, amiga, esposa, filha, irmã, profissional e por aí vai. Aquele conceito de supermãe e família perfeita de comercial de margarina só existe na televisão e fotos de porta-retratos. A vida real tem muito mais nuances de cores e aprender a apreciá-las, inclusive os tons mais nebulosos, torna a maternidade mais leve e muito mais feliz.

Metrópole: Você fala em alguns materiais produzidos que a mãe, em certo momento da maternidade, esquece a vaidade e perde boa parte da autoestima. Por que isso acontece? Como evitar?

Monica Romeiro: Principalmente nas primeiras semanas do bebê, estamos com a atenção voltada para os cuidados do nosso filho. São muitas noites mal dormidas, muitas fraldas, choros, quase sem rotina e com os hormônios bagunçando nosso humor e disposição. Qualquer energia que nos sobre será para cuidar e estimular nosso bebê. O bebê começa a interagir e vê-los sempre lindos e arrumadinhos, saudáveis, traz aquela sensação incrível de prazer até dar aquele “click” saudosos de uma roupa mais legal, um salão de beleza para fazer cabelo e unha, se sentir mais bonita. Para algumas mães esse “click” chega em poucas

semanas, para outras pode levar anos. Eu mesma levei 2 anos do nascimento da minha segunda filha para voltar a sentir vontade de cuidar de mim, inclusive para arrumar mais tempo para eu fazer o que eu gosto. Não acho que foi muito ou pouco tempo, para mim veio no tempo certo. Claro que algumas mães já sentem essa vontade ainda na sala de parto, enquanto outras podem levar mais tempo. Não existe uma regra ou tempo ideal que sirva para todas as mulheres.

Metrópole: Qual recado você daria para as mulheres que estão grávidas ou pretendem engravidar?

Monica Romeiro: Busque informações confiáveis. O seu conhecimento a levará a ter as melhores escolhas na sua maternidade.



LIVRO VEM CÁ ME DAR UM ABRAÇO

Em “Vem cá me dar um abraço”, Monica Romeiro conta sua história com a maternidade e suas dores com o materno. O livro é o abraço da consultora em direção às suas seguidoras e inscritas para que não se sintam sozinhas. Trata de questões diversas sobre a importância em validar sentimentos para o perdão e viver uma maternidade mais feliz, sem tantas cobranças e comparações. ■

DESCONTOS DE ATÉ

**JUROS E MULTAS
DE DÍVIDAS COM
O SAAE**

90%

0800 725 0330

www.jacarei.sp.gov.br
www.saaejacarei.sp.gov.br

saae
Serviço Autônomo de Água e Esgoto
Jacaré-SP



Prefeitura de
JACARÉ